



## **Geografia Histórica e Ativismo Torcedor: Um encontro a partir da construção do Centro Cultural Cândido José de Araújo, no Rio de Janeiro**

Lucas Nascimento de Mattos<sup>1</sup>

Leonardo Gonçalves Calado do Sul<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O trabalho a seguir tem como objetivo encontrar relações (e suas potencialidades e/ou limites) entre a geografia histórica e os ativismos torcedores a partir da construção do Centro Cultural Cândido José de Araújo, feito por torcedores no local de fundação do Club de Regatas Vasco da Gama, no bairro da Saúde, região portuária do Rio de Janeiro. Para encontrar essas relações, apresentaremos parte da geografia histórica do clube, com foco nos seus primeiros anos (1898 a 1904) e logo após discutiremos o Centro Cultural como produto/produzidor de identidades territoriais que se manifestam entre os torcedores. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e em arquivos históricos, mas também a pesquisa militante, onde os dois autores são parte (atores) do processo estudado.

**Palavras-chave:** Geografia Histórica, Torcedores, Ativismos, Rio de Janeiro.

### **RESUMEN**

Este trabajo busca establecer relaciones (sus potencialidades y/o límites) entre geografía histórica y activismos de los aficionados de los clubs de fútbol, a partir de la construcción del *Centro Cultural Cândido José de Araújo*, creado por los aficionados del *Club de Regatas Vasco da Gama*, el en barrio *Saúde*, región portuaria de la ciudad de Río de Janeiro. Para encontrar estas relaciones, presentaremos parte de la geografía histórica del club, con foco en sus primeros años (1898 a 1904) y seguidamente discutiremos el Centro Cultural como producto/productor de identidades territoriales que se manifiestan entre los aficionados. La metodología utilizada fue la búsqueda en archivos históricos y bibliográficos, además de la investigación militante, donde los dos autores son parte (actores) del proceso estudiado.

**Palabras clave:** Geografía Histórica, Aficionados, Activismos, Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF, e-mail: [lucasnm@id.uff.br](mailto:lucasnm@id.uff.br); - Bolsista FAPERJ

<sup>2</sup> Mestrando do Programa em Pós Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: [leocaladodosul@gmail.com](mailto:leocaladodosul@gmail.com) – Bolsista CAPES



## INTRODUÇÃO

Origem, raiz, identidade. Palavras geralmente valorizadas na cultura torcedora, são também objetos de disputa não apenas dentro dos clubes, mas também no espaço da cidade. O mesmo clube pode ter sua história contada de diferentes formas, de acordo com o olhar de cada indivíduo ou grupo. Falando especificamente do C.R. Vasco da Gama, clube com forte identidade territorial em São Cristóvão, seu importante passado na Região Central do Rio de Janeiro foi sendo apagado a partir da crescente importância do futebol no clube (e na cidade), em substituição ao remo. Mas a partir da pesquisa liderada pelo pesquisador Henrique Hubner, foi possível descobrir a localização exata da fundação do clube. Essa descoberta acendeu o interesse de diversos grupos de vascaínos nesse passado “Central” do clube, culminando na construção do Centro Cultural Cândido José de Araújo (2020), sito à Rua Sacadura Cabral, bairro da Saúde e que faz parte da Zona Portuária carioca, tão afetada pelos megaeventos.

O nome foi escolhido em enquete por redes sociais, em homenagem ao primeiro presidente negro do Clube. A construção do “Candinho”, como é chamado, é mais um caso onde a mobilização de torcedores vascaínos produz frutos. Sem a participação direta do clube, grupos organizados de torcedores levantaram fundos para o aluguel e reforma do espaço que, apesar de não ser o mesmo sobrado onde foi fundado o clube, se encontra no mesmo terreno e guarda características arquitetônicas que trazem ao edifício um ar de “volta ao passado”. Através do Centro Cultural, os grupos tem como objetivo criar um espaço de exposições sobre a história do clube e, mais do que isso, um espaço de sociabilidade vascaína numa região importante não apenas para o clube, mas para a cidade.

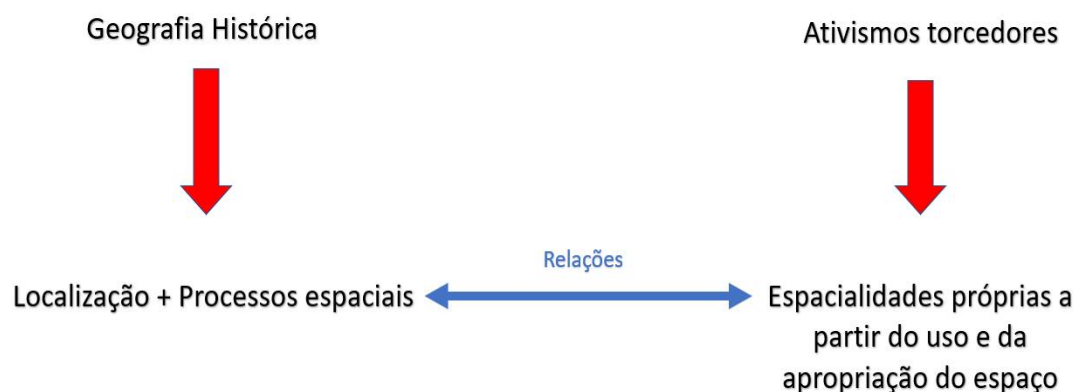
Todo esse movimento ocorre em um contexto do futebol-espetáculo onde é cada vez mais difícil que o torcedor de classe popular consiga seguir seu clube. O processo de mercantilização do futebol, territorializado pela arenização dos antigos estádios, é um grande limitador do acesso das classes populares às suas antigas diversões. Mesmo as sociabilidades (bailes dançantes, excursões, *picnics* ou jantares nas sedes) que ocorriam entre os sócios dos clubes, geralmente pessoas de boa condição financeira, estão cada vez mais escassas. Os clubes se tornaram marcas tão grandes, movimentando tanto dinheiro, que é cada vez menor o espaço para a construção de laços sem ser por forma de venda de mercadorias ou míseros vídeos e posts em redes sociais.



Infelizmente, devido a pandemia do COVID-19, ainda não foi possível aprofundar a pesquisa. Sendo assim, o trabalho a seguir tem como objetivo propor diálogos entre a ciência geográfica e os ativismos torcedores, a partir do resgate da história do clube e do uso- apropriação de um importante espaço da cidade. Entendemos que a Geografia Histórica oferece interessantes ferramentas para trabalhar essa relação, tratando tanto das relações entre os clubes e a cidade, quanto das identidades territoriais mais ligadas às tradições e narrativas.

## METODOLOGIA

O caminho das ideias se dá a partir de dois eixos: A geografia Histórica e os Ativismos torcedores. A partir da geografia histórica, será possível definir as localizações exatas dos acontecimentos, além dos processos espaciais que ali ocorreram. E a partir dos grupos de torcedores estudados, será possível entender as formas de uso e apropriação desse espaço. O que buscamos explorar no trabalho é exatamente a seta azul entre os dois eixos, representando as relações.



Esquema 1: O caminho das ideias que inspiram esse trabalho

Para isso, utilizaremos a bibliografia sobre o assunto, além de busca por fontes históricas (Livros, Jornais e Revistas da época), conversas com pessoas que participaram da construção do Centro Cultural e, no caso dos autores do artigo, a pesquisa em ação discutida por Bartholl (2014), baseado na participação direta dentro do tema do trabalho.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre as espacialidades dos ativismos sociais, Rodrigues (2019) aponta a espacialidade da ação social como “ponto fundamental”, que deve ser valorizado nas pesquisas geográficas, evitando que elas tomem um caminho mais sociológico ou até mesmo econômico (p.3). Essas espacialidades são postas como um processo de identidade:

*“A constituição de um movimento social é o resultado de um processo de construção coletiva de uma identidade, um discurso, estratégias e táticas de ação visando determinados objetivos. Assim, um movimento social se constitui na experiência concreta das condições objetivas e subjetivas de existência, na relação entre estrutura e conjuntura.” (RODRIGUES, 2019,p.3)*

A identidade territorial que os grupos estudados reivindicam atualmente é proveniente da localização das antigas sedes do clube, que por sua vez é recuperada a partir de pesquisa documental, permitindo a construção de uma Cartografia Histórica do Vasco da Gama. Essa Cartografia, unida aos processos que ocorreram na cidade durante o período estudado, se encontram no trabalho de Conclusão de curso de Mattos (2019). Nas suas discussões sobre a geografia e memória das cidades, o trabalho anterior se baseia em Abreu (1998), onde o autor propõe duas frentes de análise.

Quanto ao tempo:

*“(...)cada lugar é, ao mesmo tempo e em cada momento histórico, o ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escalas. (ABREU, 1998, p. 91).*

E quanto ao espaço

*“Não basta analisar a atuação dos processos sociais no espaço. Temos que dar conta também do espaço onde esses processos atuaram. Se ficarmos só no primeiro tipo de análise, estaremos tratando o espaço como espaço social tout court, ou como espaço topológico.(...). (ABREU, 1998, p. 91).*



Para finalizar, a discussão sobre o uso, além dos conceitos de propriedade e apropriação do espaço, terá base em Lefebvre (2009) e Seabra (1996). Esses autores se preocupam tanto com a utopia quanto com os possíveis na atualidade.

*“ O fulcro do nosso problema continua sendo o de verificar a oportunidade de o uso estabelecer-se superando a lógica, o instituído e mesmo as instituições. A possibilidade de o uso ganhar presença, de permitir apropriações. Essa possibilidade situa-se no âmbito de práticas criadoras, e pressupõe relações de criação. Tais relações não coincidem, exatamente, com as relações econômicas e políticas, mas as atingem” (SEABRA, p.84-85)*

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começamos então pela apresentação da Geografia Histórica do clube, com base em informações de Mattos (2019): O Club de Regatas Vasco da Gama foi fundado em 21 de Agosto de 1898, no endereço da Rua da Saúde 293, (atual Sacadura Cabral, 345, bairro da Saúde) e tem a sua fundação e consolidação feita principalmente por negociantes, comerciantes e funcionários do comércio da região Central da cidade (SANTANA, 2021). Sua localização próxima ao mar revela algo que pode ser curioso para aqueles que não conhecem o passado da região central da cidade: As praias do Centro existiram, e eram utilizadas não apenas para banho, mas também para a prática esportiva e socialização.

Voltando ao Vasco, a posse da Primeira Diretoria do Clube se dá na Rua São Pedro, 152 (hoje corresponde a Av. Presidente Vargas) e sua primeira sede foi o sobrado da rua da Saúde 127. Rapidamente o clube se desloca para a segunda sede, na Ilha das Moças, que já naquela época apresentava ligação com o continente a partir de aterro oriundo do desmonte do morro do Senado. Por ser um aterro recém construído, um verdadeiro lamaçal, o clube também não dura muito tempo por lá. Após um duro conflito ocorrido em 1899 entre os sócios que defendiam a mudança do clube para Botafogo (área que cada vez mais atraía as classes mais altas da população e onde floresciam os grandes clubes e competições de Remo) e aqueles que defendiam a manutenção no Centro ( onde vivia boa parte dos associados do clube), o clube se



mantém no Centro e a nova diretoria se instala em um barracão na Travessa do Maia, número 15.

É na sede da Travessa do Maia que o Vasco escreve dois importantes capítulos em sua história: A eleição de Candido José de Araújo, em Agosto de 1904, até onde se sabe o primeiro presidente negro de um clube carioca, que se mantém na cadeira da presidência até 1906; e o seu primeiro título carioca de Remo, em 1905. Essa primeira especialização do clube está representada no mapa abaixo:



Figura 1: Primeira especialização do Vasco entre 1898 e 1899. Elaborado por Lucas Nascimento de Mattos, pela plataforma Google My Maps.

Devido ao bota-abaixo de Pereira Passos e sua reforma, 4 clubes do Centro perdem suas sedes para as obras das Avenidas Central e Beira-Mar: Vasco, Natação e Regatas, Boqueirão do Passeio e Internacional. No mapa abaixo, é possível ver em azul as obras de Pereira Passos, já a cruz indica a localização da sede do Vasco da Gama.



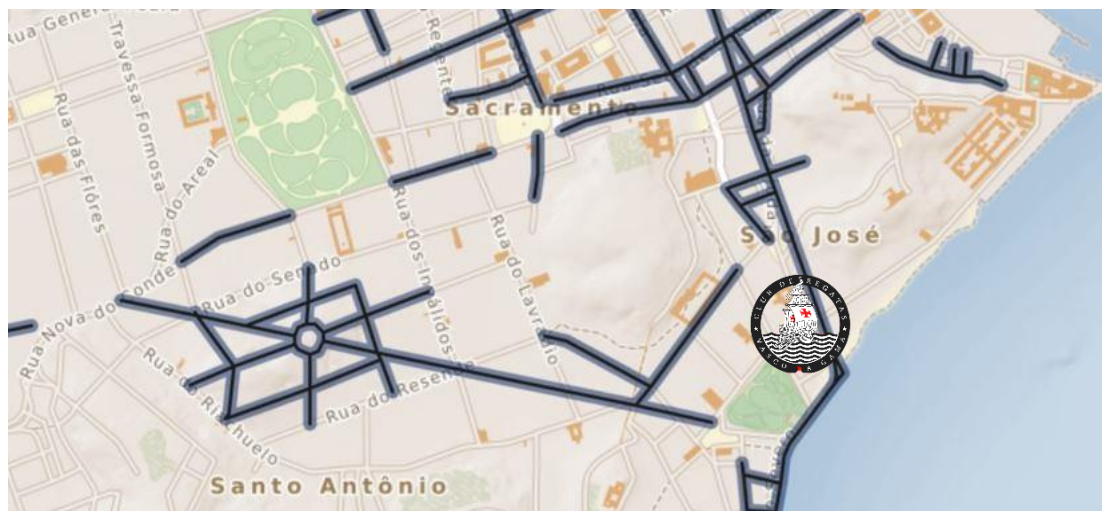


Figura 2: Obras de Pereira Passos e a sede do Vasco na Travessa do Maia, indicada pelo escudo do clube. As sedes dos outros clubes ficavam em prédios próximos. Elaborado por Lucas Nascimento de Mattos, a partir da plataforma ImagineRio.

Após a Travessa do Maia, o Vasco se instala temporariamente na Rua Luiz de Vasconcelos, até finalmente encontrar uma sede onde ficaria por um bom tempo (entre 1906 e 1942): A sede da Santa Luzia, ainda no Centro. É nessa sede que o Vasco de fato cresce. Tanto como clube esportivo, na questão de títulos e de relevância esportiva. Quanto como promotor de sociabilidades, como as incontáveis reuniões de sócios para banho de mar, bailes dançantes e até mesmo como ponto de partida para passeios.

Porém, a reforma Pereira Passos representava um processo chamado por Fernandes (2012, p. 53) de “reconquista da centralidade pela burguesia e pelo Estado”, ou seja, a intenção era refuncionalizar o Centro para que ele exercesse o seu papel como centro de negócios e serviços. A partir desse momento, diversas praias do Centro são muradas, e o seu uso é cada vez mais controlado, seja por horários, seja por censura as roupas de banho (BARICKMAN, 2016). Isso quando as praias não sofriam aterramento, deixando as sedes dos clubes náuticos cada vez mais distantes do Mar. Sendo assim, os espaços produzidos pelo Estado para o lazer esportivo estavam fora do Centro, o que afeta diretamente os clubes que ali se encontravam. O que se observava era um esgarçamento do tecido social do Centro.

É nesse sentido que entendemos a potência do Centro Cultural Cândido José de Araújo. Ele surge de uma pesquisa feita por um sócio e pesquisador do clube e é construído por grupos de torcedores para ser um espaço cultural, de divulgação de conhecimento e de construção de sociabilidades, no coração de uma área que hoje sofre



com os efeitos perversos da crise agravada pelos projetos da Cidade Olímpica, principalmente o “Porto Maravilha”. Sobre o passado dessa área:

*“No perímetro onde hoje se instala o PPM encontram-se os tradicionais bairros da Gamboa, Santo Cristo e Saúde, que durante séculos tiveram sua evolução atrelada às atividades portuárias. Até o início do século XX, esta região da cidade foi densamente ocupada por estabelecimentos comerciais, industriais, armazéns, estaleiros e moinhos garantidores do funcionamento deste que foi um dos maiores entrepostos comerciais da América Latina. Além de conformar esta ampla rede de serviços, a zona portuária apresentava-se como um importante setor residencial da cidade, abrigando uma população de baixos rendimentos.” (MONTEIRO E ANDRADE, 2012, p.24)*

Já no presente, há uma efervescência de conflitos que, mesmo com as tentativas de soterramento pelo projeto Porto Maravilha, insistem em se manifestar. A atual crise da cidade olímpica intensificou as contradições na cidade (BOTELHO, 2017), e nem mesmo a valorização imobiliária e a “pacificação” das favelas próximas conseguiram frear as ocupações de prédios abandonados, que se somam as ocupações antigas (algumas com mais de um século). Encontra-se também nessa área, atualmente, o importante circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana, indicado na figura 3.

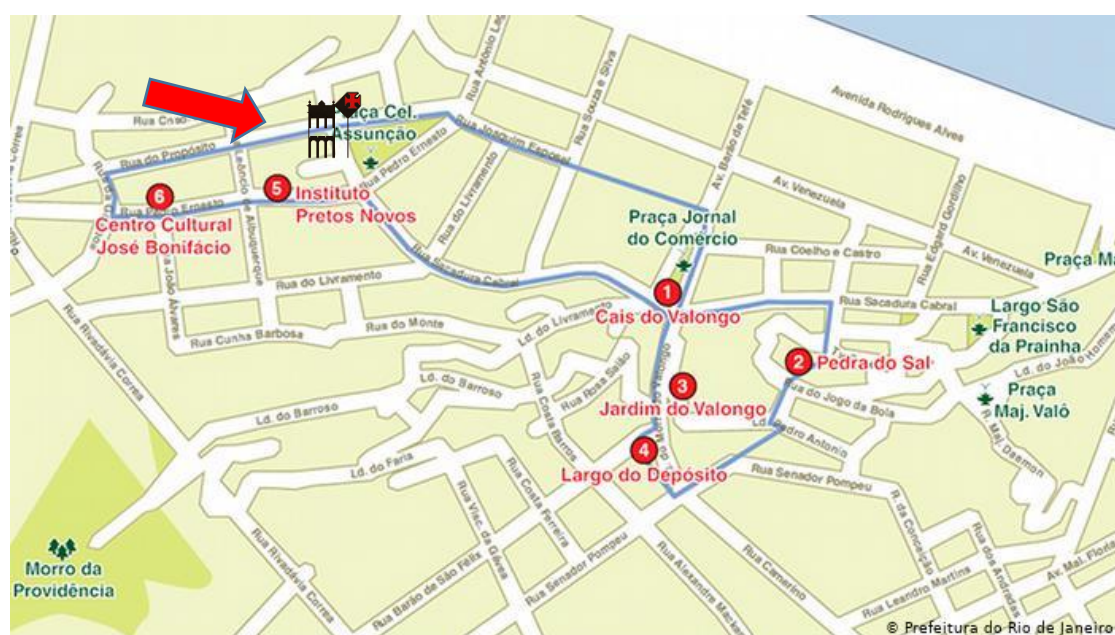


Figura 3: Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana (Centro Cultural Cândido José de Araújo indicado pela seta). Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/rio-inaugura-roteiro-tur%C3%ADstico-sobre-presen%C3%A7a-africana-na-cidade/a-16309133>





Feita a apresentação da Geografia Histórica do Clube e do local, falemos agora sobre o Centro Cultural e os grupos que o construíram. Em sua ideia original, ele operou em duas direções: A primeira é, obviamente, a volta às raízes, quando o espaço recebe um significado quase que sagrado, atraindo os torcedores mais fervorosos e interessados nessa história. Já a segunda opera na perspectiva do posicionamento político, recolocando o clube em uma área onde as disputas pelo direito a cidade são historicamente efervescentes. A partir dessas duas direções é que se pode discutir as potencialidades do CCCJA<sup>3</sup>.

Todo esse movimento começou em meados de 2019, quando alguns torcedores (ligados aos grupos “Guardiões da Colina”) perceberam que o sobrado estava disponível para aluguel. Rapidamente comunicaram aos grupos e decidiram entrar na disputa. O foco era garantir o sobrado, mesmo que sem um projeto definido do que seria feito nele. Ao conversar com o dono do imóvel, souberam que ele estava praticamente alugado para uma futura loteria. Após diversos pedidos dos torcedores, o dono é sensibilizado e por fim decide por ceder aos pedidos vascaínos.



Imagens 4 e 5: Reforma do Sobrado e construção do Centro Cultural. Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador Henrique Hubner.

---

<sup>3</sup> Centro Cultural Cândido José de Araújo



Após uma tentativa (sem sucesso) de diálogo direto com o clube para a gestão do espaço (que poderia ser utilizado inclusive como sede administrativa do clube), ficou decidido que a gestão seria dos próprios grupos de torcedores. Sendo assim, era necessário criar formas de arrecadação para o pagamento do aluguel, das reformas e de tudo que envolve um centro cultural (material para exposições, funcionários, etc.). É nessa hora que novamente a torcida vascaína (aqui, com destaque ao grupo “Raízes Vascaínas”) entra no jogo: Além de doações em dinheiro, alguns empresários vascaínos ajudam com materiais de construção. Quem não ajudava com dinheiro, ajudava com trabalho: limpeza, organização, curadoria e organização das exposições, pesquisa. A partir dessas informações, é interessante perceber que, antes de tudo, o foco era simplesmente garantir o espaço para o uso pelo CRVG<sup>4</sup> (como clube, instituição) e/ou para os torcedores vascaínos. O que importava de início era apenas o direito de uso, seja ele qual fosse. Esse “direito de uso” foi justificado pela localização histórica do clube, a ponto de convencer o dono do imóvel.

Para introduzir o debate sobre o uso do espaço, o trecho a seguir nos ajuda a entender o pensamento de Lefebvre.

*“O uso é fundante no pensamento de Lefebvre essencialmente porque, na sequência de suas obras, ele busca encontrar as resistências, ou o que denomina de redutos irredutíveis ao domínio da lógica, da razão. Mas que uso, uso do quê? Uso do espaço, do tempo, do corpo, essencialmente porque abrigam dimensões da existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso!” (SEABRA, 1996, p.71)*

Sobre a citação anterior, ressaltamos aqui que o fato dessas resistências serem “redutos irredutíveis ao domínio da lógica” não necessariamente são ações irracionais, dotadas apenas de paixão ou sentimento. No caso do Candinho há uma racionalidade, uma intenção que não se separa totalmente da lógica espacial do capitalismo. Na perspectiva da torcida Vascaína, ocupar um espaço importante é afirmar sua força na cidade. Na perspectiva do Clube, se o Vasco esteve no Centro entre 1898 e 1970, no ano de 2021 a sede administrativa volta ao Centro<sup>5</sup>, saindo do estádio de São Januário. Essa

---

<sup>4</sup> Club de Regatas Vasco da Gama

<sup>5</sup> Essa volta ao Centro não é uma volta ao seu endereço original. O local exato ocupado pela administração do Vasco é desconhecido, apenas sabemos que fica no Centro. <https://paponacolina.com.br/2021/03/12/sede-administrativa-do-vasco-sera-no-centro-do-rio-de-janeiro-e-antigo-local-no-calabouco-esta-fechado-temporariamente/>



volta ao Centro mostra que o CRVG ainda hoje busca esse centro administrativo e financeiro da cidade. Apesar de não estar exatamente no Centro administrativo, financeiro e comercial da cidade, o bairro da Saúde está bem próximo.

Para além das possibilidades, o CCCJA também tem limitações. Seabra (1996) adiciona ao debate do uso os conceitos de apropriação e propriedade. O proprietário do sobrado, até onde se sabe, não é ligado ao clube ou com a torcida, e tem seus interesses sobre o imóvel. Sendo assim, nem a propriedade, nem a apropriação do espaço pelos torcedores é plena, sendo o direito ao uso apenas uma cessão temporária, mediante pagamento de aluguel. Além disso, a principal fonte de recursos para a manutenção e funcionamento do Centro Cultural esteve bloqueada por muito tempo: as visitas começaram já durante a pandemia, e duraram menos de dois meses. Foi decidido que o espaço seria fechado para evitar a propagação do coronavírus, sendo mantida apenas a “visitação” online.

Após as discussões, identificamos que a geografia histórica, a partir da relação entre o endereço das sedes/ locais de reunião dos clubes e o contexto de cada cidade, pode ter importante papel no debate sobre as territorialidades do torcer. A posição que cada clube/torcida ocupa na cidade pode influenciar na composição social do clube e, conseqüentemente, nas ações dos mesmos. No caso do Vasco da Gama, os movimentos do clube pela cidade, além de ajudar a explicar a postura do clube em diversos momentos de sua história, influenciam diretamente na identidade territorial de seus torcedores. Por sua vez, grupos de torcedores lutam pelo direito de usufruir dessas territorialidades, e acabam por traçar estratégias de uso-apropriação da cidade, como é o caso do Candinho.

Finalizamos aqui com a necessidade de novos estudos dentro da geografia sobre as torcidas e suas espacialidades, principalmente com exemplos que não envolvam a já tão discutida violência desses grupos. Casos como o do CCCJA ou até mesmo as manifestações de rua contra o governo<sup>6</sup> Federal, que contaram com torcidas de futebol na linha de frente, provam que é possível e necessário analisar as potencialidades desses grupos, como parte da produção da cidade e como ativismos sociais.

---

<sup>6</sup><https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>



## REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **Sobre a Memória das Cidades**. Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série, Porto, v.14, p. 77-97, 1998.

BARICKMAN, B.. "**Medindo Maiôs e Correndo atrás de homens sem camisa: A polícia e as praias cariocas, 1920 -1950**". Recorde: Revista de História do Esporte [Online], Volume 9 Número 1 (11 junho 2016)

BARTHOLL, T. **Junto na Luta em territórios de Resistência? Geografia Crítica, investigação militante e movimento social urbano**. Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG). Vitória, 2014.

BOTELHO, M. **Ascensão e Queda da Cidade Olímpica**. Revista Continentes n. 10, p. 27-52, jul. 2017. ISSN 2317-8825.

MATTOS, L. N.. **Do Centro a São Cristóvão: Como o Club de Regatas Vasco da Gama ajuda a explicar a evolução Urbana do Rio de Janeiro (1898-1927)**. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2019

MONTEIRO, J.C. e ANDRADE **Porto Maravilha a contrapelo.Disputas soterradas pelo grande projeto urbano**. e-metropolis. Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais; ano 3, n. 8: p.21-31, março/2012.

RODRIGUES, G.B.. **Geografia histórica e ativismos sociais: a articulação entre campos de pesquisa**. Anais do XII Enanpege. São Paulo, 2019.

SANTANA, W. P. **A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)**. 354 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SEABRA, O.C.L. Insurreição do uso. In: *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*.  
*Hucitec*. São Paulo, 1996.